

Das pedras ao triunfo: os missionários redentoristas alemães no Brasil entre a Primeira Guerra Mundial e a Gripe Espanhola (1914-1918)

Robson Rodrigues Gomes Filho

Universidade Estadual de Goiás
Morrinhos - Goiás - Brasil
robson.educacao@yahoo.com.br

Lorrany Maiara Aparecida Silva

Universidade Estadual de Goiás
Morrinhos - Goiás - Brasil
lorranyemaelkraus@gmail.com

Resumo: A despeito do amplo prestígio alcançado ao longo de 30 anos de missão no Brasil, a partir de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, a atuação da Congregação Redentorista alemã no país ficou estremecida. De conflitos na imprensa a apedrejamento ao convento paulista, os redentoristas passaram a ser alvos, até meados de 1918, de ataques do eufórico nacionalismo brasileiro em ascensão, necessitando, em muitos casos, até mesmo de proteção policial. Todavia, no mesmo ano de 1918 outro evento catastrófico internacional parece ter favorecido uma reascensão do prestígio dos padres alemães: a pandemia da Gripe Espanhola. Atuando em São Paulo e Goiás como braço-direito do Estado, os missionários redentoristas fizeram-se notar por um incansável trabalho na assistência aos doentes, mudando em muito o cenário que experienciavam poucos anos antes. Diante disso, a pretensão do presente artigo é discutir esta mudança no prestígio social e religioso dos missionários redentoristas alemães no Brasil entre o final da Primeira Guerra Mundial e o surto pandêmico de gripe espanhola no Brasil, valendo-nos, para isso, das cartas pessoais, crônicas e demais registros da Congregação.

Palavras-chave: Redentoristas. Gripe Espanhola. Primeira Guerra Mundial.

Introdução

A aceitação da missão brasileira pela Congregação do Santíssimo Senhor Redentor (Redentoristas) da Alemanha ocorreu em um momento chave tanto para a história do Brasil, quanto do seu próprio país de origem. Em 1894, ano em que Dom Eduardo Duarte Silva (bispo de Goiás) procurou e recebeu o aceite dos Redentoristas da Bavária para a missão no Brasil, o país ainda se recuperava da turbulenta transição do regime monárquico para o republicano. Mais que isso, a Igreja Católica no Brasil, no final do século 19, procurava ainda novos meios de se sustentar economicamente (já que o regime do Padroado Régio

chegara ao fim) e, principalmente, passava a lidar com a concorrência agora permitida na forma da lei com outras religiões, especialmente o protestantismo.

Na Alemanha, por outro lado, a Congregação Redentorista vivia a euforia e desconfiança do fim de seus 21 anos de exílio impostos pela *Kulturkampf* de Bismarck. Em linhas gerais, a “Luta Cultural Alemã” (*Kulturkampf*) pode ser descrita como um conjunto de ações do Estado alemão recém-unificado, a partir de 1871, de perseguições à Igreja Católica sob a justificativa de que a mesma representava uma ameaça à nação, seja pelo aspecto político da influência estrangeira do papa, seja pela ideia de que o catolicismo como um todo representava o medievalismo, oposto à modernidade oitocentista em curso no país¹.

A partir dessas ações, o chanceler alemão Otto von Bismarck fez aprovar no *Reichstag*, em 1873, um pacote de leis que expulsava as congregações religiosas católicas da Alemanha, sob alegação de formação de um exército estrangeiro católico no interior da própria nação. Poucos anos após a vitória sob a França na guerra franco-prussiana, o império alemão encontrara um inimigo interno pelo qual valeria lutar como a “guerra final do processo de unificação”: o catolicismo (GROSS, 2011, p. 287).

Este regime de perseguição à Igreja Católica findou-se já nos últimos anos da década de 1880, culminando com a reabertura do país às congregações religiosas católicas em 1894. Neste mesmo ano, como apontamos acima, a Congregação Redentorista recebeu e aceitou o convite para abrir uma Vice Província no Brasil, nos estados de Goiás e São Paulo.

Já em terras brasileiras, os missionários alemães receberam a tarefa de administrar as romarias e santuários de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte (SP), e do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO). A despeito de algumas dificuldades iniciais², já nas primeiras décadas do século 20 os redentoristas gozavam de amplo prestígio político, social e religioso nos estados onde atuavam. Diversas são as documentações (crônicas, ânuas, cartas, etc.) em que é possível perceber vestígios de tal prestígio, desde o rotineiro pouso de presidentes de província, ou outros nomes ilustres da política regional e nacional nos conventos redentoristas³, ao respeito demonstrado pela população brasileira e imigrante às ações e postura religiosas dos missionários.

Entretanto, à despeito de todo o prestígio alcançado ao longo de 30 anos de missão no Brasil, um evento internacional colocou em xeque o olhar brasileiro sobre os missionários alemães. A partir de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, a posição

¹ Sobre a *Kulturkampf* e a perseguição ao catolicismo na Alemanha do século 19, ver: GROSS (2011).

² Sobre as dificuldades iniciais dos redentoristas alemães no Brasil, ver: PAIVA (2007); SANTOS (1984); e GOMES FILHO (2011)

³ Em 1912, por exemplo, é relatada a presença do presidente da república Rodrigues Alves por mais de uma vez em pernoite no convento redentorista de Aparecida. Tal informação pode ser encontrada nos registros anuais da casa. Ver: **Ânuas da Província Redentorista de São Paulo: 1896 a 1918**. 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 342.

alemã no Brasil ficou estremecida; mais precisamente a partir de 1917, quando o país declarou guerra à nação germânica. De conflitos na imprensa ao apedrejamento ao convento paulista, os redentoristas passaram a ser alvos, até meados de 1918, de ataques do eufórico nacionalismo brasileiro em ascensão, necessitando, em muitos casos, até mesmo de proteção policial.

Todavia, no mesmo ano de 1918 outro evento catastrófico internacional parece ter favorecido uma reascensão do prestígio aos padres alemães: a pandemia da Gripe Espanhola. Atuando em São Paulo e Goiás como braço-direito do Estado, os missionários redentoristas fizeram-se notar por um incansável trabalho na assistência aos doentes, mudando em muito o cenário que experienciavam poucos anos antes.

Diante disso, a pretensão do presente artigo é discutir esta mudança no prestígio social e religioso dos missionários redentoristas alemães no Brasil entre o final da Primeira Guerra Mundial e o surto pandêmico de gripe espanhola no Brasil, usando-nos, para isso, das cartas pessoais, crônicas e demais registros da Congregação durante o período recortado.

A condenação: a Primeira Guerra Mundial e a situação dos redentoristas alemães no Brasil

A chamada Primeira Guerra Mundial foi um conflito armado ocorrido na Europa entre 28 de julho de 1914 e 11 de novembro de 1918, cujos países envolvidos formaram dois blocos de alianças que tomaram proporções mundiais. Os resultados humanos e numéricos depois de 4 anos inteiros de conflitos foram catastróficos, tanto para vencedores, quanto para derrotados. Para a Alemanha, todavia, quando vencida no conflito, as consequências econômicas e sociais foram ainda mais graves.

O referido conflito envolveu, inicialmente, apenas países europeus, permanecendo neutros apenas Espanha, Países Baixos, Escandinávia e Suíça. Os protagonistas da Primeira Guerra dividiram-se em dois blocos: Potências Centrais (Alemanha e Áustria-Hungria) e a Tríplice Aliança (França, Grã-Bretanha e Rússia). Outros países logo foram forçados a tomarem partido, promovendo acordos com os referidos blocos. Não houve muitas variações em três anos.

O número de baixas de combatentes era espantosamente alto⁴, 116 mil estadunidenses; 1 milhão e 600 mil franceses; 800 mil britânicos; 1 milhão e 800 mil alemães. Aos soldados sobreviventes do massacre, restaram apenas as vívidas e temerosas lembranças dos momentos de tormenta e o desejo de não reviver os dias de combate em um futuro incerto⁵.

Segundo Hobsbawm (1994, p. 37),

essa guerra, ao contrário das anteriores, tipicamente travadas em torno de objetivos específicos e limitados, travava-se por metas ilimitadas. [...] Alemanha queria uma política e posição marítima globais como as que então ocupava a Grã-Bretanha, com o conseqüente relegamento de uma já declinante Grã-Bretanha a um status inferior. [...] Para a França, [...] os objetivos em jogo eram menos globais, mas igualmente urgentes: compensar sua crescente e aparentemente inevitável inferioridade demográfica e econômica frente à Alemanha.

Não obstante ter como palco principal o continente europeu, a proporção das conturbações da Primeira Guerra Mundial atingiu igualmente os países que estavam envolvidos indiretamente no combate, como foi o caso do Brasil.

A participação brasileira na Primeira Guerra Mundial demorou muito para se confirmar, mesmo que já tivesse declarado apoio a um dos blocos combatentes. Em 1914 o Brasil vinha recuperando-se de um processo turbulento no seio de suas forças militares, como o descaso com a mesma desde a época imperial, na qual não se investia em renovação nas Forças Armadas, principalmente o Exército, que não possuía muitos recursos para se restabelecer após possíveis batalhas.

A Marinha, por sua vez, não se encontrava em retrocesso, porém estava subdesenvolvida pelo fato de ter adquirido navios já subutilizados por outros países com o fito de tentar controlar a Revolta da Armada, o que culminou em uma Marinha desestruturada⁶. Além disso, no início do século 20 outros conflitos internos já haviam desestabilizado as Forças Armadas Brasileiras, como a Revolta da Chibata e a Guerra do Contestado.

Portanto, as baixas não permitiriam que as forças militares se sustentassem por muito tempo em ocasionais confrontos de guerra, não somente por um número insuficiente de contingente, mas por conta ainda da insuficiência de investimentos em materiais básicos como fardamento e qualificação, o que caracteriza um pronto despreparo:

⁴ A estimativa de baixas é apenas de combatentes, excluindo civis e os militares que foram mutilados, e inválidos para o serviço em um possível pós-guerra, sem contar aqueles que apresentaram problemas psicológicos devido ao cenário aterrorizante em que estiveram imersos.

⁵ Podemos comparar com a Segunda Guerra Mundial, na qual o número de baixas foi menor, logo que se percebeu que o estado de beligerância poderia dizimar países, muitos países tentavam se manter na defensiva na tentativa de poupar vidas. Ou até mesmo, "salvar a vida de seus cidadãos tratando os dos seus inimigos como totalmente descartáveis" (HOBBSAWM, 1994, p. 34-35).

⁶ Sobre o assunto, ver: MENDONÇA, 2008, p. 23.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial encontrou as Forças Armadas brasileiras (Exército e Marinha) em avançado estágio de despreparo, degradação e obsolescência. Ao Exército faltavam instalações, armamentos, efetivos e uniformes. Na Marinha, era deficiente a qualificação técnico-profissional da maruja para operar o instrumental e a aparelhagem de bordo, bem como para a manutenção dos meios flutuantes (MENDONÇA, 2008, p. 28).

O Brasil cerceou suas relações com os países beligerantes no período inicial da Primeira Guerra, logo que não almejava conquistas territoriais, muito menos estratégias de interesses econômicos. Por esta razão, o país ateu-se a manter relações apenas com países sul-americanos devido à sua distância geográfica do cenário de guerra e seus problemas internos, como crise política e debilidade militar. Porém, manteve relações comerciais com a Alemanha e outros países considerados “inimigos”, sendo proibido em fevereiro de 1915 de exportar café e outros gêneros alimentícios “sob a alegação de ser mercadoria com destinação às tropas inimigas” (MENDONÇA, 2008, p. 37).

A Alemanha era então considerada inimiga devido ao fato do Brasil apoiar a chamada “causa aliada”, na qual a França era o país que recebia mais apoio da população. Logo, a elite brasileira tinha mais proximidade com os princípios franceses, especialmente por sua formação e proximidade histórica. Assim que eclodiu a guerra ocorreu uma união dos intelectuais brasileiros em prol dos Aliados, e os noticiários da imprensa estavam incumbidos de formar a opinião do senso comum. Era corriqueiro a publicação de artigos que objetivavam conspirar os alemães, como podemos perceber na citação feita por Lúvia Claro Pires (2011, p. 2) da tradução de um artigo publicado pelo *Jornal do Comércio*:

São porventura incapazes de ver que se não conquistarmos a Alemanha, e por nossa indolência e humanitarismo doentio, deixarmos que ela nos conquiste, terá triunfado a causa do mal? O universo, agrilhado ele todo, será como uma vasta e apavorante prisão para os inimigos do Kaiser, um lugar onde nenhum homem poderá chamar sua a sua própria alma, um inferno sobre a terra para todos os que amam a luz e a liberdade.

Não obstante, a decisão de entrar em estado de beligerância ou não foi tema de um longo e acalorado debate, principalmente na intelectualidade brasileira. A maior parte dos intelectuais apoiava a entrada do Brasil na Primeira Guerra desde que fosse ao lado da Tríplice Entente⁷. Outra parte dos intelectuais acreditavam que o melhor para o Brasil seria o que lhe oferecesse maiores vantagens em âmbitos diversos, o que culminava em manter

⁷ “Os aliadófilos acreditavam estar o Brasil em melhor situação caso aderisse à guerra ao lado da França, [...] ao lado daqueles que, segundo suas opiniões, representariam o verdadeiro ideal de liberdade e democracia para o mundo, [...] Admiradores da cultura francesa e do ideal de latinidade, em geral tal grupo era composto por escritores, políticos e jornalistas, [...] pretendiam o rompimento de toda e qualquer relação com o Império Alemão e seus parceiros no combate, e o alinhamento definitivo do Brasil ao lado dos Aliados” (PIRES, 2011, p. 3).

as relações comerciais estabelecidas entre Brasil e Alemanha, logo o correto para estes intelectuais seria apoiar o Império Alemão⁸.

A intelectualidade brasileira assumiu o debate [...] de qual seria o lado que traria maiores vantagens para o Brasil diante das grandes potências mundiais. As opiniões divergiam entre aqueles que defendiam o alinhamento brasileiro com a causa aliada – chamados de aliadófilos –, os que pretendiam uma aliança entre Brasil e Império Alemão – os germanófilos –, e aqueles que afirmavam ser a neutralidade brasileira a decisão mais certa a ser tomada (PIRES, 2011, p. 2).

A intelectualidade de todos os países beligerantes estava envolvida no conflito, e não apenas a brasileira. Estes incumbiam-se de firmar o patriotismo e encastelar a cultura de seu país, posicionando normalmente contra os alemães, pois o Império Alemão era tido como uma ameaça mundial, “representado como uma nação de bárbaros, pretendendo espalhar a escravidão e a irracionalidade pelo mundo. Lutar contra o Reich e seus aliados significava defender o futuro e o progresso da humanidade” (PIRES, 2011, p. 2).

Alguns conceitos estão vinculados ao ideário de que a Alemanha seria uma ameaça ao mundo, tais como o “perigo alemão” e/ou “pangermanismo”. Tais conceitos referenciam-se a um possível plano forjado pelos alemães com o fito de conquistar territórios, visando uma espécie de dominação mundial. No Brasil, segundo Livia Claro Pires (2011), tal plano seria executado com a apropriação do Império Alemão acerca dos territórios do sul brasileiro, onde se localizava até uma grande população de origem alemã⁹. Esta ideia de um “perigo alemão” é de importância ímpar para compreendermos a situação na qual se encontraram os missionários redentoristas no Brasil.

Um forte argumento da intelectualidade aliadófila para persuadir a população brasileira a apoiar os aliados era “a ideia de oposição entre a civilização latina e a civilização germânica”. Destarte, forjava-se um ideário vilipendioso acerca da Alemanha, manipulando a História a favor dos aliadófilos, o que caracterizava uma estratégia defensiva contra os germanófilos de forma a fumegar uma disputa de egos.

Assim, entende-se que o apoio brasileiro aos aliados foi estabelecido por uma movimentação elitista, que possuía uma ligação indireta com a França. Em geral,

Desconsideravam qualquer elemento positivo vindo da cultura germânica, ressaltando seus aspectos de conquista e devastação, sua atitude predatória para com as demais, principalmente com relação à civilização latina. [...] invocavam a história para corroborar os seus argumentos, [...] desde a Antiguidade, com o

⁸ “Nas notas e comentários dos germanófilos, por sua vez, o Brasil alcançaria o progresso ao lado dos alemães, representantes do inédito e da inovação técnica, [...] a Alemanha era sinônimo de renovação, e o Brasil teria muitas vantagens econômicas e políticas a angariar caso optasse pelo apoio à causa desse país no conflito” (PIRES, 2011, p. 3).

⁹ “Almejava, também, alertar os brasileiros para a ameaça do chamado perigo alemão, definido como a ambição do Kaiser de apossar-se de uma parcela do território brasileiro [...]” (PIRES, 2011, p. 6).

assalto do Império Romano [...] a civilização latina encontrava-se ameaçada pelo furor germânico de conquista (PIRES, 2011, p. 3).

Na época em que se iniciou a guerra, em 1914, a Igreja Católica brasileira ainda lutava pela manutenção da sua hegemonia face ao advento das demais religiões permitidas por lei desde o fim do padroado régio. Neste período, os principais adversários da Igreja, especialmente em Goiás e São Paulo (onde atuava a Congregação Redentorista), eram os protestantes, espíritas e a maçonaria. Dentre estes, destacava-se (para o intento que nos serve o presente artigo) a maçonaria, especialmente por sua ampla influência política e na imprensa.

A participação ativa da Alemanha na Primeira Guerra Mundial serviu de premissa para iniciar-se uma guerra na imprensa brasileira, pois, de acordo com as fontes consultadas, os jornais anticlericais (especialmente os dirigidos por maçons¹⁰) publicavam artigos em oposição aos alemães, fomentando uma oposição declarada do clero brasileiro e, conseqüentemente, afetando diretamente os missionários redentoristas. Por outro lado, o clero, em apoio aos religiosos alemães no Brasil, iniciou ainda em 1914 uma verdadeira batalha pelo domínio da palavra na imprensa, acusando seus opositores de fabricarem notícias e amparando explicitamente os interesses alemães na guerra que, por enquanto, não envolvia diretamente o Brasil.

Por aqui, tudo nos jornais é guerra. Estou escrevendo atualmente em três jornais; a gente tem de se empenhar; o que telegrafam de loucuras contra a Alemanha não se imagina. Todo o clero brasileiro, excetuados dois dos nossos brasileiros em Aparecida e um grupo de franceses é a favor da Alemanha. Dever-se-á escrever uma vez nos jornais alemães que o clero católico de todo o mundo defende a honra alemã, como se vê nos jornais católicos; enquanto a maçonaria e toda a gentelha anticlerical cobrem de lama o nome alemão. Meus dois irmãos estão na guerra. Um deles, que serviu em Munique no Regimento Real, escreveu-me do campo de batalha. Foi em começo de agosto; depois não tive mais notícias. O correio alemão chega regularmente. Demos bastante dinheiro para a Cruz Vermelha, causando boa impressão na colônia alemã; como a imprensa católica está, em grande parte, em mãos de padres alemães, precisamos defender-nos e o temos feito, merecendo a cruz de ferro, pois estamos contra toda a imprensa diária e maçônica. Mas sustentaremos. O maior amigo da Alemanha é o bispo de Taubaté que, embora doente, combate os inimigos da Alemanha com bons resultados no seu jornal. Ultimamente escreveu um artigo com tanto sarcasmo contra um maçom sempre empenhado em zombar do germanismo, que o pobre homem se tornou objeto de chacotas, reduzindo seus artigos a transcrições. Os jornais em mãos alemãs são: O Santuário (redentoristas), Vozes (franciscanos), Bússola (Verbitas), Compasso (franciscanos). Ainda há alguns diários e semanários sob orientação alemã de jesuítas, franciscanos, beneditinos e redentoristas. Muita coisa melhorou após 4 meses de esclarecimentos. Os missionários espanhóis são mais alemães do que os próprios alemães. Os claritanos fizeram uma espécie de cruzada contra a devassa Inglaterra. No seu semanário escrevem com tanto desprezo da França e em defesa

¹⁰ Em carta datada de 29 de outubro de 1914, Pe. Carlos Hildenbrand escreveu ao Pe. João Batista Schmid, superior provincial, que: "também aqui a imprensa maçônica vai fazendo o seu jogo nojento. O jornalismo daqui, inteiramente nas mãos da maçonaria, um bando abjeto, que alia ignorância e malícia num grau extraordinário, busca desabafar sua fúria impotente em vergonhosas mentiras e calúnias. [...] Que Deus nos dê em breve uma paz vitoriosa!" (COPRESP B, 1906-1921, carta 718, p. 364).

da Alemanha que o Kaiser sentiria grande alegria, se lesse. O visitador concedeu-me permissão de cooperar com jornais de São Paulo. Meu trabalho principal é desmoralizar a cambada da Cia-Havas. [...] Quando V. Revma. me diz que se queixam de eu ser agressivo nos jornais, estou recebendo hoje cartas de estímulo para continuar! Tempos! Tiro as informações do jornal de Colônia, recebendo também do consulado alemão jornais espanhóis e italianos. La Croix é insuportável. Os grandes jornais publicam crônicas sem critério nem valor. Os bons publicistas brasileiros pendem para a Alemanha como um de Laet (bom católico, uma espécie de Herder). Eles condenam a posição da imprensa diária, como também os oficiais e militares, mostrando-se amigos da Alemanha (COPRESP A, 1913-1920, carta 1307, p. 187-189).

Por outro lado, segundo esta mesma carta escrita pelo Pe. Estevão Maria Heigenhauser ao seu superior provincial na Alemanha, Pe. João Batista Schmid, em 30 de novembro de 1914, parte do clero católico estrangeiro no Brasil se posicionava e atuava também em favor de sua própria nacionalidade, como o caso de freiras francesas, que, segundo o referido documento, usavam-se do ensino formal para imputar a causa antigermânica nos filhos das elites brasileiras:

Capítulo eloquente e instrutivo oferecem as irmãs francesas de Sion ao céu e a Terra. Educam a elite, isto é, os filhos das famílias importantes; fazem o que querem: injuriam os alemães, em particular o kaiser; mandam rezar pela vitória da França; devolvem os jornais católicos que escrevam qualquer coisa contra a França; influem nas alunas para que insistam com os pais para fazer o mesmo, etc. (COPRESP A, 1913-1920, carta 1307, p. 190.).

Ainda em 1914, pouco depois de iniciada a guerra, um fato relevante nos chamou a atenção durante as missões pregadas pelos redentoristas em Goiás. Segundo as crônicas daquele ano, os missionários encontraram em Ipameri um padre estrangeiro que trabalhava como vigário local. Segundo os relatos do cronista,

O vigário, da cidade de Estrasburgo, é um inimigo da Alemanha; Pe. Bohrer é um ressurrecionista secularizado, como mercenário no rebanho a ele confiado, só batiza e celebra missa, aprova o contrato civil, porque a República o introduziu e, sendo ela boa tudo o que faz é bom. [...] Semeou-se muito e, queira Deus, venham os frutos, quando um vigário vier substituir o mercenário. Não admira haja o protestantismo entrado (Crônicas das Missões de Goiás, 1910-1934, 1º Volume, Aparecida, 1982, p. 134-135.).

As más impressões dos missionários redentoristas sobre os padres seculares em Goiás são muitas e variadas, conforme se pode notar em diversas cartas e documentos dos mesmos. Todavia, nos chamou a atenção o fato de que a crítica ao Pe. Bohrer traz elementos bastante apropriados para pensarmos o contexto da Primeira Guerra Mundial. O principal deles se trata da acusação de que o padre francês seria um mercenário atuando no Brasil em serviço de seu país, defendendo os valores da república e, por conseguinte, um canal de entrada do protestantismo no estado.

Acusações como estas são frutos evidentes de um campo de experiências ainda vivo na memória alemã dos missionários. A guerra franco-prussiana e a perseguição da *Kulturkampf* sob a liderança do liberalismo protestante deixara marcas que o tempo e a distância não apagaram nos sujeitos em questão. Entretanto, chama-nos também atenção o fato de que seus argumentos são em muito semelhantes àqueles que contra eles se voltariam nos anos seguintes: acusação de espionagem estrangeira no Brasil.

Neste transcurso, à medida que os anos iam passando e a guerra não se findava, a situação dos alemães no Brasil começou a mudar. Já em junho de 1916, ainda antes da entrada do Brasil na guerra, o Pe. João Batista Kiermeier escrevia ao Pe. Visitador de Buenos Aires que, em Aparecida “os jornais são em geral muito contra a Alemanha, acompanhados, naturalmente, pela maior parte do povo” (COPRESP B, 1906-1921, carta 756, p. 425.).

A partir de 26 de outubro de 1917, quando o governo brasileiro declarou guerra à aliança germânica, a situação se complicou de vez. Tanto as cartas, agora constantemente barradas, confiscadas e violadas pelos governos alemão e brasileiro¹¹, quanto a própria liberdade de ir e vir de centenas de alemães que viviam no Brasil, tornou-se constantemente um risco.

Na casa de Aparecida, os casos de violência contra os padres alemães foram mais alarmantes. Em 4 de novembro de 1917, o convento redentorista foi apedrejado, alarmando toda a comunidade católica do Brasil sobre o perigo que corriam os religiosos alemães por conta do inflamado nacionalismo brasileiro na guerra. Segundo a crônica da comunidade de Aparecida deste mesmo ano,

Muito doloroso para nós foi o fato de o Brasil ter entrado na guerra contra a Alemanha, o que se deu a 26 de outubro. Uma semana mais tarde, dia 4 de novembro, domingo, às 9:30 horas da noite, nosso convento foi apedrejado, mas muitos homens se prontificaram a nos defender, de modo que pudemos ficar tranquilos em casa, mas devíamos permanecer dentro (Casa de Aparecida, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo, 1896-1918, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 449.*).

Após o perigo iminente sofrido pela casa de Aparecida, todas as demais casas redentoristas passaram a contar com o apoio e proteção policial e do clero superior brasileiro. As missões e trabalhos religiosos também sofreram baixas, não obstante tenha

¹¹ A censura das correspondências durou até janeiro de 1919, conforme notamos nas crônicas da casa da Penha desse mesmo ano: “Em janeiro do corrente ano cessou finalmente a censura postal, pelo que pode começar novamente a livre correspondência. Até aqui, todas as cartas de alemães ou dirigidas a alemães eram abertas pela censura postal, mas somente a partir de julho recebemos cartas da Alemanha” (Casa da Penha, 1919. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1919-1931), 2º Volume. Aparecida, 1993, p. 6.*)

continuado apenas com pregações de padres brasileiros¹². As funções de superiores, vigários e outros cargos de gestão eclesial foram igualmente passados para membros brasileiros da congregação.

No convento redentorista da Penha, em São Paulo, a situação foi igualmente preocupante. Segundo as crônicas da casa, “irrompeu a paixão artificial do ‘povo’, especialmente da colônia italiana” (Casa da Penha, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1992, p. 456). Embora não tenha havido casos claros de violência como em Aparecida, foi necessária proteção policial dia e noite: “por algum tempo, o chefe de polícia, que é nosso amigo, mandou colocar um guarda em frente a nossa casa, de dia e de noite, porque se temia que pudéssemos ser surpreendidos por elementos anticlericais dos subúrbios” (Casa da Penha, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo, 1896-1918*, 1992, p. 456).

A proximidade da Penha com a capital paulista dava àquela casa redentorista uma maior vulnerabilidade para com os ataques morais e físicos de nacionalistas inflamados de São Paulo. Diversos foram os temores vividos pelos religiosos neste curto, mas intenso, período de tensão. Dentre as principais medidas de cautela, podemos destacar, por exemplo: a transferência da casa da Penha à Mitra para que se evitasse perdê-la em um possível confisco de bens alemães no Brasil, o cancelamento de missões e trabalhos paroquiais e a nomeação de Pe. Chagas (brasileiro) para vigário da Penha. No entanto, a comunidade ainda assim teve de enfrentar a fúria da imprensa antigermânica da capital, ou mesmo boatos dos mais diversos sobre suas possíveis atividades de espionagem.

Um artigo violento e revolucionário que apareceu numa revista ordinária de São Paulo conseguiu mudar a situação. Nele, em meio a um tremendo xingatório, éramos ameaçados de virmos a ter a mesma sorte de que foram ameaçados os padres de Aparecida. [...] Entre os moradores do interior circulavam naturalmente os boatos mais mirabolantes: que tínhamos canhões, que escavávamos galerias subterrâneas. Principalmente por ser conhecido em nossa roça, o Pe. Wand foi o cavalo preferido da fantasia popular. Foi chorado como fugido, maltratado, morto, etc. (Casa da Penha, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1992, p. 457).

Ainda em novembro de 1917, outros ataques ocorreram. Desta vez o alvo foi o “Santuário de Aparecida”, jornal redigido pelos redentoristas alemães em Aparecida do Norte (SP), que teve sua tipografia completamente destruída¹³. Diante da situação oportuna, outra forma de ataque encontrada pelos adversários do catolicismo no Brasil foi a tentativa de implantar a ideia de que as congregações estrangeiras que se encontravam

¹² Segundo as crônicas da casa de Aparecida, somente em 16 de dezembro os padres alemães puderam voltar a pregar nas igrejas. Ver: Casa de Aparecida, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo, 1896-1918*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 450.

¹³ Ver: COPRESP A, (1913-1920) carta 1473, p. 382.

em território nacional deveriam ser expulsas¹⁴, algo bastante semelhante ao que ocorrera no século anterior durante a *Kulturkampf* alemã, sob pretexto de que essas representavam uma ameaça à segurança nacional.

Contudo, em meio às tensões e dificuldades geradas por conta da guerra, uma expressão de afeto e consideração por parte do povo atendido pelos redentoristas mostrou com clareza os frutos de anos de trabalho missionário junto à população brasileira¹⁵. Portanto, diversas foram também as manifestações de apoio e amparo por parte da polícia, das autoridades e da população local, elevando um sentimento de acolhida que em muito ajudara os padres alemães a se sentirem confortados em sua vocação missionária mesmo em tempos de tamanha dificuldade.

As autoridades locais davam-nos os melhores atestados e, quando mais tarde, espontaneamente, procuramos a polícia para por em ordem nossos papeis para viagem, etc. Fomos recebidos da maneira mais gentil possível, até mesmo policiais para guarda pessoal foram-nos colocados à disposição, o que declinamos agradecidos, alegando que teríamos a melhor proteção no próprio povo que nos queria bem (COPRESP A, 1913-1920, carta 1426, p. 339).

Outras manifestações de apoio aos redentoristas surgiram em meio às possibilidades de tensões. Em carta datada de 14 de abril de 1917, o Pe. Pedro Natalício de Castro (secular) escreveu ao Pe. João Batista Kiermeier (redentorista alemão):

[...] Como brasileiro que sou, [...] estou ao lado do meu país. Entretanto, com referência aos RR. Padres daqui e a sua propriedade que, por ventura, tenham de sofrer algum desacato, devo também dizer que estou ao lado deles e pronto a sacrificar-me em sua defesa. Com estima, respeito e consideração, sou seu amigo. (COPRESP A, 1913-1929, carta 1420, p. 333).

No caso específico de Goiás, não houve qualquer relato de represálias, ataques, ou qualquer desrespeito que atentasse contra a integridade física e moral dos redentoristas alemães¹⁶. Entretanto, o fato é que a difícil situação política internacional levou o bispo Dom Prudêncio tanto a pedir lealdade aos padres alemães em Goiás, quanto pedir proteção policial para eles em eventuais necessidades.

Tenho plena confiança nos padres de Campininha, e estou certo de que eles todos não me comprometerão, nem a mim, nem à Congregação, nem à Europa, em tais emergências. [...] Nesse sentido de cerca-los de garantias, mandei ontem duas pessoas de confiança conferenciar com o Dr. Chefe de Polícia, que tudo prometeu, recomendando, porém, o maior cuidado, inclusive nas cartas, que, de certo, daqui a pouco, sofrerão censura, exata submissão às exigências emanadas do governo,

¹⁴ Ver: COPRESP A, (1913-1920) carta 1426, p. 339.

¹⁵ Os próprios missionários reconheciam que se "tivesse acontecido esse caso de guerra 10 ou 12 anos antes, portanto, no começo de nossa atividade aqui, certamente teríamos que contar com todas as eventualidades" (COPRESP A, 1913-1920, carta 1426, p. 339).

¹⁶ Em carta datada de 28 de maio de 1917, o Pe. José Clemente Heinrich escreveu: "De resto, nada se nota da guerra no nosso sertão. Ninguém nos quer arrancar um fio de cabelo. Especialmente nenhum do lugar de modo algum nos quer ofender, pois os grandes do lugar dizem que sua cidade goza de prestígio graças ao convento e que o povo da roça tem os padres em grande conceito (COPRESP A, 1913-1920, carta 1428, p. 342).

etc. (COPRESP-A, 6º Volume, 1913-1920. Carta nº. 1468. Dom Prudêncio Gomes ao Pe. José Clemente Heinrich. Goiás-GO, 7 de novembro de 1917, p. 341.).

Em todo caso, a tensão da guerra e do sentimento de insegurança por parte dos padres alemães no Brasil começou a atenuar-se à medida que a guerra ia se aproximando do fim. Nas crônicas da casa de Aparecida há, por exemplo, a informação de que os padres da casa fizeram um piquenique em 10 de março de 1918 para comemoração da paz com a Rússia¹⁷. Na Penha, como em Bom Jesus dos Perdões¹⁸ e em Goiás há interessantes informações de um gradual retorno às atividades normais ao compasso do encerramento dos conflitos. O fim da guerra, não obstante, ocorreu somente em 11 de novembro de 1918, sendo celebrado com solenidade na casa de Aparecida:

A 11 de novembro, celebramos o armistício com a Alemanha. Depois de uma longa interrupção de toda correspondência com a Alemanha [...]. Por determinação do Sr. Bispo, houve reza solene com Te Deum para comemorar o armistício e a vitória dos aliados (Casa de Aparecida, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1992, p. 471).

As celebrações de armistícios, no entanto, não podem ser entendidas como uma cicatrização já concluída dos maus momentos vividos pelos religiosos durante o período da guerra, especialmente pela perseguição sofrida por setores da imprensa e população brasileira. Pelo contrário, nota-se na documentação pesquisada que o ressentimento da entrada da guerra contra a Alemanha ainda pairava até mesmo nas interpretações sobre as crises pelas quais passava o Brasil nos anos que se seguiram.

Este ano, de modo geral, decorreu mais calmo do que o ano anterior. Mas o país teve de enfrentar gravíssimos problemas, a saber: a grande geada que destruiu os cafezais por vários anos, a praga dos gafanhotos que destruíram as plantações, a febre aftosa que prejudicou demais o gado, e finalmente a gripe espanhola que matou milhares de pessoas. *Dá impressão que Deus quis castigar o Brasil pelo fato de ter entrado na guerra contra a Alemanha* (Casa de Aparecida, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1992, p. 471. *Griões nossos*).

Em todo caso, o fim da Primeira Guerra Mundial coincidiu com uma nova e grave crise sanitária no Brasil e no mundo. Desta vez, contudo, a presença e trabalho dos missionários redentoristas foi de fundamental relevância, contrastando significativamente com a perseguição sofrida tão pouco tempo antes. Trata-se aqui da epidemia da Gripe Espanhola, que dizimou centenas de milhares de pessoas em poucos anos por todo o Brasil.

¹⁷ Casa de Aparecida, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 469.

¹⁸ Nas crônicas da casa redentorista de Bom Jesus dos Perdões, em São Paulo, chega-se a afirmar, no final de 1917, que: "Enquanto o mundo inteiro está em guerra, existe ainda um cantinho tranquilo e solitário. Este cantinho chama-se Perdões, um pequeno, mas lindo lugar de peregrinações ao Senhor Jesus dos Perdões" (Casa de Bom Jesus dos Perdões, 1917. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 464).

Da perseguição ao triunfo: o trabalho redentorista no combate à epidemia da Gripe Espanhola no Brasil.

A *Influenza*, ou Gripe Espanhola, foi uma das maiores pandemias de que se têm notícias na história do mundo moderno. Tendo seu início em 1918, ainda em tempos da primeira guerra mundial, as informações sobre sua origem e o número de vítimas são bastante imprecisos, especialmente por conta das dificuldades de comunicação ainda decorrentes do conflito armado que se encerrava na Europa.

Segundo o historiador e sociólogo Eliézer Cardoso de Oliveira (2006, p. 155), é provável que a origem da gripe espanhola tenha ocorrido na China, por conta de contatos íntimos entre seres humanos e aves. Entretanto, “o adjetivo ‘espanhola’ deve-se, talvez ao fato de que, neutra na I Guerra, a Espanha não boicotava informações como os demais países beligerantes, sendo o primeiro lugar em que a doença foi publicamente conhecida”. Já os números de mortos vitimados pela pandemia são ainda mais esparsos: “As estimativas conservadoras calculam em 20 milhões as vítimas fatais; as mais ousadas chegam ao assustador número de 100 milhões de mortos”.

A abrangência mundial da Gripe Espanhola chegou a dados impressionantes. Praticamente em todo canto do planeta houve casos da doença, “até mesmo as mais remotas aldeias esquimós” (OLIVEIRA, 2006, p. 155). No Brasil, em específico, sua chegada se deu no final do mês de setembro de 1918, desembarcada no pacote inglês denominado “Demerara” (GOULART, 2005, *apud* NETO, 2009, p. 2). No mês seguinte, a doença já havia se espalhado “por praticamente todo o território nacional, atingindo, inclusive, as remotas aldeias indígenas da Floresta Amazônica” (OLIVEIRA, 2006, p. 155). O total de vítimas no Brasil ultrapassa a casa dos 300 mil, sendo motivo de comoção a morte do próprio presidente da república eleito, Rodrigues Alves, em 16 de janeiro de 1919, velho conhecido dos missionários alemães e frequentador do convento redentorista de Aparecida.

No estado de São Paulo, os primeiros casos da doença datam do mês de outubro. Não tardara até que em novembro a gripe chegasse também nas cidades e regiões atendidas pelos missionários redentoristas. Embora não tenha havido morte alguma de padres da congregação, muitos foram os que caíram doentes. Entretanto, foi justamente na ponta oposta desse processo que os redentoristas se destacaram de fato, ou seja, no combate, controle e atuação decisiva junto às autoridades médicas e civis para que a Gripe Espanhola fizesse menor a quantidade de vítimas que consigo levava à morte.

Com a chegada das notícias da gripe em São Paulo, uma situação de pânico tomou conta de todo o estado, de modo que “de todos os lados ouviam-se lamentos de novos casos

de gripe; por vezes famílias inteiras guardavam no leito sem terem quem as tratasse” (Casa da Penha, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 485). Diante disso, o clero brasileiro, e de modo especial os padres redentoristas, foi conclamado pelo governo civil a ser o baluarte da população enferma em tempos de tamanha crise. Por solicitação do Arcebispo de São Paulo foi pedido aos redentoristas da Penha, lugar de maior fragilidade para os redentoristas durante a Primeira Guerra Mundial, que ajudassem em São Caetano e São João do Belém. Segundo as crônicas da casa: “Graças a Deus, nenhum de nós adoeceu seriamente, apesar de, junto com os remédios, estarmos em contato com os doentes o dia inteiro e, muitas vezes, também de noite” (Casa da Penha, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 485).

Todavia, as atividades dos redentoristas em toda a região da Penha e localidades próximas não se limitaram ao simples atendimento espiritual de doentes. Muito além disso, os padres alemães abriram hospitais improvisados, distribuíram remédios, acompanharam médicos, trabalharam noite e dia, incansavelmente, em atividades das mais variadas para que se tivesse o mínimo de sucesso da redução de fatalidades decorridas das doenças. O próprio governo do estado cedeu automóveis, vales para distribuição de auxílios e diversos recursos materiais para que a congregação agisse diretamente no combate da epidemia no estado, conforme descreve o cronista da casa da Penha:

Dentro de poucos dias, a maioria dos moradores de nossas paróquias caiu doente. Muitos deles corriam risco de morrerem privados de qualquer socorro. Diante disso, abrimos às pressas dois hospitais provisórios: para os homens, no grande prédio onde funcionavam as escolas públicas; para as mulheres e crianças, nas escolas particulares das Irmãs Vicentinas. Cada dia eram levados para lá os que estavam em piores condições. O governo cedeu-nos automóveis e assim pudemos socorrer os que precisavam de auxílio corporal e espiritual. Por ocasião da visita aos doentes, deixávamos vales com os quais eles podiam conseguir mantimentos e remédios por conta do governo (Casa da Penha, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 485).

Neste sentido, não é difícil percebermos, especialmente por meio da documentação pesquisada, que “o tempo da gripe foram dias e semanas sem descanso para os padres” (Casa da Penha, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 485). Os números e gastos materiais, especialmente na Penha, são impressionantes. Segundo o cronista,

Cada padre tinha consigo um ritual e um vaso de Santos Óleos – os padres em casa gozavam os privilégios das missões quanto ao breviário. Durante a gripe, isto é, de 24 de outubro até 2 de dezembro, na Penha, foram feitas 1.328 visitas aos enfermos; em domicílio foram socorridos 3.438 enfermos, visitados 3.813 doentes, socorridos nos postos 2.444 pessoas, hospitalizados 118 doentes; foram

feitas 1.158 visitas médicas; foram distribuídos 1.499 vales de gêneros, 1.225 vales de carne, 325 vales de leite, 690 vales de medicamentos, 1050 pratos de sopa. Em tudo isto as despesas subiram a nada menos de 12:220\$800. Durante esse tempo foram feitas 185 confissões, ungido 79 enfermos (Casa da Penha, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 485).

Em Goiás, embora os números e tragédias de mortes por conta da Gripe Espanhola tenham sido inferiores, os trabalhos dos padres redentoristas foram de igual importância. No sertão goiano, cuja falta de médicos era significativamente menor, eram os redentoristas que assumiam as funções de agentes de saúde, tanto atendendo, como receitando, medicando e cuidando de doentes advindos das cidades e, especialmente, da zona rural, onde a escassez de remédios e recursos materiais eram ainda maiores. Por conta disso, muitos padres redentoristas em Goiás foram alcunhados de “padre médico” (COPRESP-A, 6º Volume, 1913-1920. Carta nº 1513. Pe. José Francisco Wand ao Pe. João Batista Kiermeier. Campinas-GO, 16 de janeiro de 1919, p. 436). Em carta datada de 17 de janeiro de 1919, Pe. José Francisco Wand relata suas atividades e as condições da epidemia em Goiás.

Ouvi dizer que na capital existem mais de 1500 casos de gripe e que o povo se está retirando de lá por falta de alimentos. Em Goiabeiras morreram 4 pessoas, em Ribeirão há quase todos os dias um enterro. Aqui pode morrer ainda uma outra pessoa em consequência da recaída; tive uns 8 a 10 casos graves em cujo tratamento fui muito feliz. Passo cada dia umas 5 ou mais horas na cidade. O povo da roça vai atrás de mim; chegando em casa, já me esperam 5 ou 6 pessoas que me querem consultar ou pedir remédio. Estou em apuros. Felizmente está aqui a doença em declínio. [...] Hoje veio uma carta de Trindade em que Antônio Batista pede por amor de Deus de eu ir lá e tratar os doentes, principalmente os pobres sem recurso. Deve ter uns 100 doentes e sempre aumenta o número (COPRESP-A, 6º Volume, 1913-1920. Carta nº 1514. Pe. José Francisco Wand ao Pe. João Batista Kiermeier. Campinas-GO, 17 de janeiro de 1919, p. 437-438.).

Neste sentido, mais do que seu trabalho rotineiramente religioso, os missionários redentoristas em Goiás e São Paulo agiram, entre 1918 e 1919, como verdadeiros agentes de saúde, seja na distribuição e recomendação de remédios, seja no acompanhamento de enfermos e apaziguadores do pânico entre a população. Em Goiás, a função social exercida pelos redentoristas estendeu-se para além do quesito saúde, uma vez que os missionários distribuíam mantimentos aos pobres e animavam a população no melhoramento das condições de higiene.

O convento distribuiu, além disto, muitos mantimentos, principalmente leite para os pobres. Continuamente vinham pessoas de lugares mais distantes bater em nossa porta, pedindo conselho e remédio. Depois que a epidemia cessou em Campinas – cidade com umas 700 pessoas – os padres Vicente e Francisco foram a Trindade para incutir ânimo ao povo, procurando, ao mesmo tempo, melhorar as péssimas condições de higiene, enquanto possível (*Ânuas da Vice Província Redentorista de São Paulo (1919-1931)*. Volume 3. Aparecida, São Paulo: 1993, p. 10.).

De toda sorte, o fato é que sem esta atuação enérgica do clero brasileiro, com destaque expressivo da congregação redentorista em São Paulo e Goiás, a saúde pública brasileira teria sucumbido diante de um caso tão grave de epidemia. Tal situação, não obstante a tragédia do alto índice de mortos, elevou em muito o prestígio e importância da Igreja Católica no Brasil. No caso dos redentoristas alemães, que ainda no ano anterior sofriam apedrejamentos e a ameaças diante da guerra brasileira contra a Alemanha, esta condição de agentes indispensáveis se revelou um verdadeiro triunfo, conforme relata o Pe. Estevão Maria Heigenhauser em carta ao superior Pe. João Batista Kiermeier, em 30 de outubro de 1918:

Nós padres somos tudo: enfermeiros, carregadores de caixões, médicos administradores dos sacramentos, distribuidores dos vales de mantimentos, medicamentos, leite. Hoje organizamos um hospital no Grupo. Assim em toda a cidade. O presidente (do Estado) disse ao Arcebispo: A Cruz Vermelha fracassou... O governo entregou tudo ao clero. Tudo vai pelas mãos do padre. O padre visita o doente, manda vir o médico (que não vai sem ser chamado pelo padre), manda aviar os remédios, distribui os cales, manda vir os caixões mortuários (no Salão de S. Geraldo está o depósito dos caixões que hoje consegui do sr. Arcebispo). O vigário está na sala (de Plantão) desde a manhã até a noite sem poder sair – os nossos padres percorrem todos os cantos de nossa paróquia em dois automóveis que o ministro da agricultura pôs à disposição dos nossos. Os padres todos são incansáveis e especialmente o Pe. Superior. [...] Hoje percorri a cidade de São Paulo em serviço de consultas, compras, providências, etc.... que respeito diante da batina. O Arcebispo parece outro.... Assistimos a um verdadeiro triunfo da Igreja. Todos reconhecem (COPRESP-A, 6º Volume (1913-1920). Carta nº 1513. Pe. Estevão Maria Heigenhauser ao Pe. João Batista Kiermeier. Penha (SP), 30 de outubro de 1918. Original em Alemão, p. 423.).

Em todo caso, em meados de 1919 o surto de Gripe Espanhola começou a erradicar-se no Brasil. Como afirma o historiador e sociólogo Eliézer Cardoso de Oliveira (2005, p. 6), “Da mesma forma misteriosa e imprevista que ela apareceu, gradativamente começou a desaparecer sem deixar vestígios”. O trabalho e dedicação dos padres redentoristas, no entanto, permaneceu na estima da população goiana e paulista. Como afirmou o Pe. Estevão Maria Heigenhauser ainda em outubro de 1918, “Nunca houve na Penha tanto respeito e tanta veneração por nós: ninguém passa sem de longe cumprimentar” (COPRESP-A, 6º Volume, 1913-1920. Carta nº 1503. Pe. Estevão Maria Heigenhauser ao Pe. João Batista Kiermeier. Penha-SP, 30 de outubro de 1918. Original em Alemão, p. 423).

Considerações finais

As condições sob as quais sujeitos históricos alcançam ou perdem sua legitimidade estão diretamente ligadas tanto a situações históricas (ora específicas, como no caso de

guerras e doenças), ora gerais, quando pensamos em estruturas que transcendem o carisma individual.

Em se tratando dos missionários que tomamos por objeto de pesquisa no presente artigo, temos diante de nós um alvo precioso para análise de ambas as situações. Por um lado, o fato de nossos sujeitos abordados serem padres da Igreja Católica no Brasil por si só já lhes dá uma legitimidade inerente à sua posição e função na sociedade e instituição religiosa, algo que Max Weber (1999, p. 349) chamou de “carisma de cargo”. Por outro lado, as situações históricas específicas que analisamos dão contornos singulares a tais sujeitos, tornando-os ora vulneráveis, ora portadores de um crédito que transcendem sua condição de indivíduos.

No caso da Primeira Guerra Mundial, percebemos que, embora confiantes de sua autoridade de fala nos primeiros anos de conflitos, a ponto de fazerem verdadeira campanha para seu país de origem contra a já explícita tendência da opinião pública brasileira, os missionários redentoristas alemães no Brasil passaram de uma situação de baluartes do orgulho alemão, a vítimas do nacionalismo brasileiro recém-forjado na entrada do país na guerra. Acuados diante de uma imprensa implacável, da desconfiança xenofóbica e do temor de uma nova *Kulturkampf* no Brasil, os redentoristas alemães se surpreenderam com um apoio irrestrito de uma camada sóbria da sociedade que, diferentemente do caso alemão oitocentista, não comprou o discurso nacionalista e viu nos sacerdotes ainda aqueles que por 30 anos conviveram e atuaram sem quaisquer suspeitas de espionagem estrangeira.

Menos de um ano depois, uma nova exigência da vocação missionária consolidaria de vez o prestígio do clero estrangeiro no Brasil, que fora posto em xeque entre 1917 e 1918. A pandemia da gripe espanhola, que assolou milhares de pessoas e espalhou o pânico em boa parte do país, encontrou nos mesmos padres alemães uma atuação certa de serviço público prestado ao povo brasileiro.

Diante do fracasso da própria Cruz Vermelha, “o governo entregou tudo ao clero” (COPRESP-A, 6º Volume, 1913-1920. Carta nº 1513. Pe. Estevão Maria Heigenhauser ao Pe. João Batista Kiermeier. Penha-SP, 30 de outubro de 1918. Original em Alemão, p. 423), e o resultado foi o triunfo católico em um país no mesmo caminho da modernidade que outrora os expulsara da Alemanha de Bismarck. As mágoas da guerra ficaram expressas na “impressão que Deus quis castigar o Brasil pelo fato de ter entrado na guerra contra a Alemanha” (Casa de Aparecida, 1918. *Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1896-1918)*, 1º Volume. Aparecida, 1992, p. 471), mas, para além disso, o prestígio do carisma de cargo

acabou por se confirmar e se consolidar na ação certa diante da imprevisibilidade imposta pela singularidade dos eventos históricos.

FROM THE STONES TO THE TRIUMPH: GERMAN REDEMPTORIST MISSIONARIES IN BRAZIL BETWEEN WORLD WAR AND THE SPANISH FLU

Abstract: Despite the wide prestige achieved over 30 years of mission in Brazil, from 1914, with the beginning of the First World War, the activities of the German Congregation of Redemptorists in the country was shaken. With some conflicts in the press and stoning to the convent in Sao Paulo, the Redemptorists have become targets by mid-1918 of the euphoric Brazilian nationalism rising attacks, requiring, in many cases, even police protection. However, in the same year of 1918 another international catastrophic event seems to have favored a new rising prestigious of the German priests: the pandemic of Spanish flu. Acting in São Paulo and Goiás as right-hand man of the state, Redemptorist missionaries made be noted by a tireless work in assisting the sick, changing in much the scenario that they felt few years earlier. Therefore, the intention of this article is to discuss this change in social and religious status of the German Redemptorist missionaries in Brazil between the end of World War I and the pandemic outbreak of Spanish flu in Brazil, using for that the personal letters, chronicles and other records of the Congregation.

Keywords: Redemptorists. Spanish Flu. World War.

Referências

Fontes

Ânuas da Vice Província de S. Paulo (1919-1931), 2º Volume. Aparecida, 1993.

Ânuas da Província Redentorista de São Paulo: 1896 a 1918. 1º Volume. Aparecida, 1992.

Ânuas da Vice Província Redentorista de São Paulo (1919-1931). Volume 3. Aparecida, São Paulo: 1993.

COPRESP-B, Suplemento 3º Volume (1906-1921). Aparecida, 1992.

COPRESP-A, 6º Volume (1913-1920). Aparecida, 1985.

Crônicas das Missões de Goiás (1910-1934), 1º Volume, Aparecida, 1982.

Bibliografia

GOMES FILHO, Robson. Do Santuário de Trindade ao jornal ‘Santuário da Trindade, Campinas (GO): Reflexões sobre as mudanças de posicionamento religioso dos primeiros Redentoristas alemães em Goiás. Revista Horizonte. Belo Horizonte, vol. 9, n. 23, out-dez, 2011.

GROSS, Michael. B. The war against Catholicism: liberalism and the anti-Catholic imagination in nineteenth-century Germany. Michigan: The University of Michigan Press, 2011.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX. 9º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MENDONÇA, Valterian Braga. A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial, 1914-1918. Monografia (Universidade Federal Fluminense), 2008.

NETO, Leandro de Carvalho Damacena. A epidemia de gripe espanhola de 1918/1919 na Cidade de Goiás-GO. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

OLIVEIRA, Eliézer C. A Gripe Espanhola em Goiás. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005

_____. As representações do medo e das catástrofes em Goiás. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, 2006.

PAIVA, Gilberto. A Província Redentorista de São Paulo (1894-1955). São Paulo: Editora Santuário, 2007.

PIRES, Lívia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. s/v. s/n. p. 1-15. São Paulo, Julho 2011.

SANTOS, Miguel A. N. dos. *Missionários redentoristas alemães em Goiás (1894 a 1944)*. Vol.2. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1984.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. São Paulo: Imprensa oficial. 1999.

SOBRE OS AUTORES

Robson Rodrigues Gomes Filho é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio de doutorado sanduíche na Katholische Universität Eichstätt (bolsista CNPq/DAAD); membro da Rede de Pesquisa “História e Catolicismo no Mundo contemporâneo”, pesquisador associado ao Zentralinstitut für Latinamerika Studien (ZILAS). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Morrinhos.

Lorrany Maiara Aparecida Silva é graduanda em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Morrinhos.

Recebido em 23/03/2016

Aceito em 06/04/2016